

A PROLIFERAÇÃO DAS ARTES NO PERÍODO TOKUGAWA.

Fernanda Lie Sakano¹
Euler Sandeville Junior²

CONTEXTO HISTÓRICO

*Living only for the moment, turning our full attention to the pleasures of the moon, the snow, the cherry blossoms and the maples, singing songs, drinking wine, and diverting ourselves just in floating, floating, caring not a whit for the poverty staring us in the face, refusing to be disheartened, like a gourd floating along with the river current: this is what we call ukiyo.*³

O célebre prefácio *Ukiyo monogatari* (a história do mundo flutuante) (c. 1665) de Asai Ryoi (1612 ?-1691) descreve o “mundo-flutuante” no qual vivem os habitantes das cidades que emergem no Japão do século XVII.

1 Professora da Universidade de Sorocaba (UNISO) (desde 2016). Mestranda pela Universidade de São Paulo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo sob orientação do Prof. Dr. Euler Sandeville Junior. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-São Carlos) (2010) e especialização em Habitação e Cidade pela Escola da Cidade (2014).

2 Professor Associado da Universidade de São Paulo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Projeto (desde 2001). Professor orientador de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAU USP desde 2002) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental do Instituto Energia e Ambiente (2004-2016). Formado em Arquitetura e Urbanismo (1981), Educação Artística (1984), Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas (1994), Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas (1999), Especialista em Ecologia (1996), Livre Docente em Arquitetura e Urbanismo (2011). Desenvolve pesquisas no Núcleo de Estudos da Paisagem (NEP, FAU USP).

3 “Vivendo apenas para o agora, voltando toda a atenção para os prazeres da lua, da neve, das flores de cerejeira e dos bordos, cantando músicas, bebendo vinho e nos desviando apenas flutuando, flutuando, não nos importando com o olhar da pobreza que nos confronta, recusando a desanimar, como uma cabaça flutuando na corrente do rio: isto é o que chamamos de *ukiyo*.” (Tradução da autora) (CLARK, 2002, p 10-11)

Por mais de dez séculos a cidade de Kyoto foi a capital imperial do Japão (794 a 1869). Neste período desfrutou de um status único, não somente como cidade imperial, mas também como a única grande aglomeração urbana num país de características ainda bastante rurais, desfrutando seu *status* como espaço centralizador do poder político, espiritual, cultural e econômico. Mantém-se como cidade da família imperial e da corte, mas perde o seu posto como centro político em 1603 quando o *bakufu*⁴ é transferido para Edo (atual Tokyo) iniciando o período Tokugawa.

O imperador era a figura que legitimava a política do shogunato⁵, contudo, a família Tokugawa além de consolidar seu controle sobre o território unificado, exercia um poder sem precedentes sobre o imperador e a corte. O *bakufu* criou um conjunto de leis e um sistema de poder que permaneceu estável por aproximadamente 250 anos.

No início do século XVII, a cidade de Edo, não passava de uma pequena aglomeração em torno do castelo. Em aproximadamente 100 anos já se configura como uma das maiores cidade do mundo daquele tempo, com cerca de um milhão de habitantes⁶. A nova capital viveu um extraordinário desenvolvimento da cultura urbana, competindo com com a cidade de Kyoto, cidade imperial e da corte, coração da cultura tradicional. Essa eflorescência resultou tanto na transformação da própria arte quanto na comercialização de formas culturais anteriormente associadas à nobreza e aos samurais, bem como a novos desenvolvimentos, muitos deles resultantes de estímulos provinciais e estrangeiros. (GUTH, 1996)

Neste período fecham-se os portos, proibindo-se a saída de japoneses e a entrada de estrangeiros. Os comerciantes chineses eram colocados sob rígida supervisão e os únicos europeus permitidos eram os holandeses. Estes últimos possuíam poucos privilégios e ficavam confinados na pequena ilha artificial de Deshima, na baía de Nagasaki. Devido sua decisão de isolamento, o Japão consegue se manter estável por certo período, observando que esse fechamento dos portos ocorreu no mesmo período que o resto do mundo estava se abrindo para um grande intercâmbio comercial e cultural, mais complexo e extenso do que anteriormente conhecido. (MORTON, 1994)

Para estabelecer o controle do shogunato, Tokugawa Iemitsu instaura em 1635 o sistema *sankin kotai*. Nesse sistema, as esposas e filhos dos *daimios*⁷ tinham que morar em Edo e o próprio *daimio* deveria morar na capital do shogunato em anos alternados. As despesas de viagem, assim como os altos custos para manter a sua família luxuosamente na capital política diminuía as chances de acumularem riquezas

4 *Bakufu* foi o governo militar do Japão entre 1192 e 1868, liderado pelo *shogun*.

5 *Shogunato* ou *bakufu* é o governo militar comandado pelo *shogun*, que pode ser traduzido como “comandante do exército”, o mais alto cargo militar.

6 A cidade de Osaka, importante porto e centro comercial, possuía cerca de 400 mil habitantes e Kyoto, a tradicional capital e centro de comércio e cultura, cerca de 350 mil. (HANE, 1991)

7 Os *daimios* eram vassallos que deviam lealdade e tinham compromissos para com o shogun, principal figura do *bakufu*.

para se rebelar contra o poder central. Barreiras e postos de segurança foram construídos ao longo das estradas para controlar seus deslocamentos.

O sistema viário do Japão se desenvolve neste período a fim de viabilizar e facilitar os deslocamentos decorrentes do *sankin kotai*, além de conectar as diversas cidades que crescem em torno dos feudos como: Nagoya, Sendai, Kumamoto, Kagoshima, Kanazawa, Hiroshima, Hakone e Kofu, assim como outras aglomerações de menor porte.

As Gokaido (“cinco estradas”): Tōkaidō, Nakasendo, Koshu-Kaido, Nikko-Kaido, Oshu-Kaido foram inicialmente construídas para fins militares, facilitando o deslocamento de oficiais e do exército. Apesar de diversas restrições impostas pelo shogunato, a estabilidade interna e a expansão econômica do início do século XIX permitiu um grande número de pessoas comuns utilizá-las. A estrada de Tōkaidō (rota do mar leste), a qual interligava as cidades de Kyoto e Edo, era a rota mais utilizada pelos viajantes.

A sociedade era rigidamente dividida em classes, segundo uma divisão do trabalho de base confucionista. Os comerciantes e artesãos faziam parte da classe mais baixa pois considerava-se que a sua produção não possuía valor para a sociedade. Estes também eram conhecidos por *chōnin* (“residentes dos *chō*”). Esta estratificação social fixou o caráter da sociedade Tokugawa se estendendo até o Japão moderno. As classes sociais e as relações de grupos regulavam todas as relações sociais e o individualismo era rigorosamente reprimido.

Embora esta fosse a divisão social determinada, na prática a situação econômica passou a se configurar de maneira diferente. A maior parte dos samurais perdeu seus direitos de posse sobre terras e se tornaram aldeões ou mudaram para a cidade de seu senhor feudal tornando-se vassalos. Somente alguns deles com posse de terras permaneceram nas fronteiras de províncias ao norte, ou como vassalos diretos do shogun. Os que viviam nas cidades se tornaram *ronin* (samurais sem senhor feudal ou mestre, literalmente “homem onda”) enquanto os comerciantes ascendiam economicamente.

Apesar dos esforços do shogunato em manter as distinções entre samurais, comerciantes e artesãos, nas cidades não havia de fato uma separação clara. Os comerciantes, desprezados como classe, na prática haviam adquirido uma grande força econômica se tornando importantes figuras da sociedade Tokugawa. Seus lucros eram suficientes para suportar uma luxuosa vida urbana conhecida somente pela corte em Kyoto.

Até o século XVI a arte era apreciada apenas pela corte, shogunato e instituições religiosas. No período Edo, dissolveu-se o controle da elite sobre as artes. A produção artística fazia parte de uma educação complementar altamente valorizada em todos os níveis da sociedade. Homens e mulheres de todas as classes adotaram a prática de uma ou mais formas de arte. As quatro mais populares eram a música, a pintura, a caligrafia e os jogos de habilidade, em parte, porque eram estimados na China,

tradicionalmente mentora cultural do Japão. (GUTH, 1996).

O desenvolvimento do lazer e literatura permitiu a maioria dos cidadãos a se engajarem em atividades sociais e culturais. Os lazeres mais populares disponíveis eram o teatro e as áreas de prazer, mas também haviam os festivais, encontros de pintura e poesia e cerimônias do chá, para citar somente alguns. Como muitos dos cidadãos participavam destas atividades, pode-se dizer que o cultivo do lazer era um elemento chave na cultura urbana deste período. (GUTH, 1996).

Estas áreas de prazer eram frequentadas pelos ricos comerciantes e samurais em busca do deleite oferecido pelos contadores de histórias, dramaturgos e artistas de xilogravuras, também consumindo roupas, objetos laqueados, telas, jogos de chá, livros, impressões, etc. Os teatros e banhos públicos eram muito frequentados e viajar por prazer e passeios turísticos se tornaram mais comuns. Segundo Hane (1991), o grande desenvolvimento da cultura urbana neste período pode ser entendido devido ao fato das pessoas gastarem o excedente, que provinha de negócios bem-sucedidos, em prazeres físicos e materiais.

Segundo Cordaro (2008), no período Edo buscava-se o *ima-yô* (“ao modo de agora”), “deixava-se para trás o ‘ontem’ das guerras dos séculos XII a XV, com o seu sentido triste diante do inexorável da efemeridade e da impermanência (*mujôkan*)”. O período da *pax Tokugawa*, cultuava o “hoje” da vida prazerosa e intensa das cidades, mundo flutuante “a ser vivido plena e alegremente”, em substituição ao antigo mundo flutuante búdico “a ser sofrido como compadecimento”.

Nesse novo ambiente urbano os *chônin* (comerciantes e artesãos “residentes dos *chô*”) contribuem com a produção de romances, dramas (no teatro *kabuki* e *bunraku* “teatro de marionetes”), pinturas e xilogravuras (*ukiyo-e*) e poesia (*haiku*), descentralizando o controle da elite sobre as artes.

UKIYO-E

As pinturas deste período, conhecidas como *ukiyo-e* (pintura do mundo flutuante) eram consideradas como inferiores e vulgares por especialistas daquele tempo interessados na pintura tradicional de estilo chinês.

O *ukiyo-e* inicialmente era pintado à mão, mas com a crescente demanda as figuras passaram a ser produzidas em massa com a técnica da xilogravura monocromática (cor preta). Posteriormente, passaram a imprimir e adicionar poucas cores à pincel. Melhorando continuamente as técnicas, os *ukiyo-e* multicoloridos (*nishiki-e*) aparecem por volta de 1765. A possibilidade de reproduzir diversas cópias com a xilogravura, a partir de um grupo de blocos de madeira, permitiu vender as pinturas a um preço muito acessível e encontrou um mercado pronto para seu consumo.

A autoria destas estampas eram coletivas, elaboradas em escolas artísticas, cujo o nome

normalmente pertencia ao seu tutor. Para produzir cada estampa trabalhavam juntos um editor, um ilustrador, um talhador e um impressor. Existiram cerca de mil e quinhentos editores neste período e cerca de sete mil artistas especializados somente em xilografia policromada (*nishiki-e*).

As temáticas são diversas e reafirmam este extenso “mundo flutuante” relacionado a pulsante vida urbana que surgia: figuras-bonitas de *yūjo* (“mulher entretenimento”) e *yakusha* (atores), áreas-de-prazeres e de teatro, usos-e-costumes, *meisho-e* (vistas-famosas de cidades e províncias), insetos e animais, *kachō-ga* (flores e pássaros), heróis e fantasmas. (CORDARO, 2008).

A PINTURA DE PAISAGEM E AS VIAGENS

O tema da paisagem (*fūkei-ga*) surge no *ukiyo-e* somente no final da década de 1820, aproximadamente 200 anos após o surgimento deste tipo de expressão pictórica. Neste período as técnicas já se encontravam em nível avançado e já existia um engenhoso vocabulário de composição. Neste contexto, o *fūkei-ga* já nasce de forma muito madura, popularizando-se entre os habitantes da cidade que, para além de fins artísticos e decorativos, eram utilizados em guias de viagens, mapas e ilustrações de livros. Tal difusão do tema da paisagem, segundo Woodson (1999), pode ser atribuído a dois fatores: a censura dos temas figurativos tradicionais e a proliferação das viagens pelo Japão.

Algumas medidas restritivas decretadas pelo shogunato enfraquecem a produção de temas tradicionais do início do *ukiyo-e*. Em 1799 foi decretado que toda as publicações deveriam ser examinadas e aprovadas por um censor. As pinturas eróticas foram banidas e pinturas luxuosas e *bijin-ga* (retratos de mulheres-bonitas) eram desencorajadas, já que os nomes de geishas e mulheres de casas-de-chás não podiam ser mencionados. Em 1800, a fim de reduzir a influência dos comerciantes, o governo impõe medidas limitando a produção dos *kabuki-e* (pinturas do teatro *kabuki*) e *yakusha-e* (pintura de atores), restringindo também o uso das cores.

Paralelamente se desenvolve uma cultura do movimento relacionado com o fechamento dos portos, a estabilidade interna e o desenvolvimento das estradas, cada vez mais eficientes e complexas, que permitiram os deslocamentos para o *sankin kotai*, *jisha sankeie* visitas às diversas cidades que surgiam, cada qual com suas curiosidades e atrações.

Para o shogunato controlar os diversos viajantes das estradas e atender as necessidades das longas jornadas foram criadas as cidades-estação (*shukuba* ou *shuku-eki*), onde se localizavam os postos de inspeção, hospedarias, restaurantes e casas-de-chás. Os *shukuba* eram pontos de referência e foram retratados por diversos artistas.

O fato de pintores e escritores viajarem muito para experienciarem por si mesmos os locais representados já famosos pela tradição, ou descobrindo e catalogando novas especificidades, teve no espírito *ukiyo-e* de Edo um novo sentido: o deslocamento de homens sobre estradas novas de um modo “flutuante” e sempre desfrutador de um instante de efemeridade.

Sabe-se que, em 1832, Utagawa Hiroshige (1797-1858) viaja para Kyoto acompanhando a comitiva shogunal para pintar paisagens e, em 1833, finaliza os 55 desenhos para a sua série de estampas multicoloridas (*nishiki-e*). A série de pinturas chamada “53 estações da estrada de Tōkaidō” de Hiroshige retrata as paradas entre as cidades de Edo e Kyoto. Esta obra pode ser citada como uma das mais reconhecidas no mundo ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAMAS, Fernando e CORDARO, Madalena. *Shinkeizu, ou “pintura de um cenário real”*. Estudos Japoneses, São Paulo, n24, p21-37, 2004.
- CLARK, Timothy. *The dawn of the floating world 1650-1765. Early ukiyo-e treasures from the Museum of Fine Arts, Boston*. London: Royal Academy of arts, 2002.
- CORDARO, Madalena (org.). *Ukiyo-e Pinturas do mundo flutuante*. Tomo II. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008. 219p. Catálogo de exposição, novembro 2008, Instituto Moreira Salles, São Paulo.
- FIÉVÉ, Nicolas e WALEY, Paul (org.). *Japanese capitals in historical perspective. Place, power and memory in Kyoto, Edo and Tokyo*. Londres: RoutledgeCurzon, 2003.
- GUTH, Christine. *Art of Edo Japan: The artist and the city 1615-1868*. New York: Perspectives: Harry N. Abrams 1996.
- HANE, Mikiso. *Premodern Japan: A historical survey*. Boulder: Westview Press, 1991.
- MORTON, William S. *Japan: its history and culture*. New York: McGraw-Hill, 1994.
- TRAGANOU, Jilly. *The Tokaido: Scenes from Edo to Meiji Eras*. Japan Railway & Transport Review, n13, p17-27, 1997.
- *The Tokaido Road: Travelling and Representation in Edo and Meiji Japan* London, RoutledgeCurzon, 2004.
- WOODSON, Yoko. *Hokusai and Hiroshige: Landscape Prints of the Ukiyo-e School*. Hokusai and Hiroshige: Great Japanese prints from the James A. Michener Collection, Honolulu Academy of Arts. Asian Art Museum of San Francisco, 1998.

FIGURAS



Figura 1 – Mapa das Gokaido.

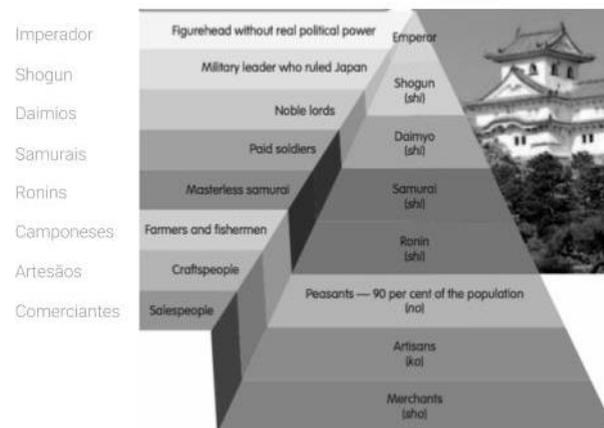


Figura 2 – Classes sociais do período Tokugawa.



Figura 3 – Utagawa Hiroshige (1797-1858). *Estação de Shōno, A chuva repentina* da série *Tōkaidō Gojūsan-tsugi no uchi* ("53 estações da estrada de Tōkaidō"). 1833. xilogravura. 38cm x 25cm.